

EXPRESSIONISMO - Tem início hoje o **Ciclo de Filmes do Expressionismo Alemão**, cuja programação inclui obras de Fritz Lang, F. W. Murnau, G. W. Pabst, Ernest Lubitsch, Stellan Rye e Robert Wiene. Além do Curso de Extensão Cultural sob a responsabilidade do Departamento de Comunicação da UnB, serão realizadas projeções de obras clássicas do **Expressionismo Alemão** no auditório da Escola Parque, às 21 h., a partir de hoje até o dia 29. Da promoção participam a Fundação Cultural do Distrito Federal, o Instituto Cultural Brasil-Alemanha de Brasília e a Universidade de Brasília.

Atualidade do Expressionismo - Geraldo Ferraz, em artigo publicado na revista "Filme e Cultura", n.º 2, de novembro/dezembro de 1966, faz uma análise sobre a atualidade e evolução do **Expressionismo**. Diz o articulista:

"Indubitavelmente, nossa idade de "monstros" não pode recusar a atualidade o **Expressionismo**, uma das constantes das artes de todos os tempos, até o momento em que se deu essa coagulação da recorrência à angústia como instrumento de conhecimento, e seus valores surgiram à tona de constrastes tão frísantes, quais se formularam nas obras de arte do século passado e se

fixaram em algumas ramificações imprescindíveis do nosso orgulhoso século XX. Se se pode considerar "Wozzeck" de Buechner uma produção literária expressionista, pioneira, portanto isolada, sua imensa revelação só surge mesmo depois que a música de Alban Berg atende à sua possibilidade como texto. Entre teatro e música, o encontro tinha forçosamente que se verificar no mesmo plano axiológico.

Mas se o autor de "Morte de Danton", um romântico alemão, um metafísico, teria de esperar um século para se revelar, a contemporaneidade de Strindberg e de Munch, emergente no fim do século passado, marca o clima angustioso com uma definição justificadíssima, como é a de Ilse e Pierre Garnier, ao estudarem o expressionismo alemão: "O expressionista passa a existir no instante em que o homem se concentra e toma, subitamente, consciência de sua solidão: então ele lança um grito. Este grito é o **Expressionismo**". Aos trinta anos, o pintor norueguês Munch marca numa tela, em que os psiquiatras vêem até hoje a imagem mais acabada da angústia, aquele grito no quadro "O grito", 1893. Nunch

assinala, nessa cabeça angustiada que as mãos sustentam e apertam, não vá ela estourar, o convulsivo apelo da solidão na ponte, símbolo da passagem do trânsito vital. E o grito repercute: tanto no óleo quanto na litografia "vê-se" que o grio sobe, ecôa, vai pelas ondas vibrando até as nuvens mais altas, ao fundo mais distante da perspectiva.

Evidentemente, tanto quanto o academismo à Bourguereau, permanência adestricto o **Impressionismo** à noção da "arte pela arte", e minentemente uma conceituação francesa, os expressionistas acompanharam a lição de Munch, das palavras seu diário em 1889: "Não se pode mais pintar mulheres fazendo tricô e homens lendo jornais; eu quero apresentar seres que respirem, que amem e sofram. O espectador terá de tomar consciência do que há neles de sagrado, ao ponto de se descobrir, como o faz na igreja". Essa participação do arpejo da "arte pela arte" é a mesmo que leva Van Gogh a pintar os "corvos negros sobre os campos de trigo", cujo significado mais amplo foi frisado na análise delirante de Antonin Artaud, o surrealista que viveu expressionistamente.

EXPRESSIONISMO VERSUS

ABSTRACIONISMO - Cabe portanto, recordar aos desavisados que o **Expressionismo** continua competindo com o **Abstracionismo**, e que entre os dois é que se trava a luta pelo predomínio de uma linguagem, de uma comunicação, de um apaziguamento, não em termos de acomodação porque se refere sempre àquela parte marginalíssima dos criadores da arte, poetas e intelectuais, voltados contra a rotina do "gado vestido dos currais dos Deuses" (F. Pessoa).

Reavando no tempo aos 60 anos transcorrido da consciente coagulação que fez, em 1905, "jovens artistas rebeldes", se reuniram em Dresde, num movimento que se chamou "A ponte" - uma ligação com a tradição mais essencial, dizia-nos Schmidt-Rottluff - mas simbolicamente é a mesmo ponte de "O grito" de Munch - recusando no tempo, veremos que nesse ano da primeira revolução russa, Einstein lançava seu primeiro livro em que estudava a simultaneidade, Freud prosseguia sua obra pesquisando a "psicologia profunda", Schnitzler aplicava à literatura os métodos da análise psicológica. Os pintores rebeldes de Dresde "para os quais nascia um mundo novo" (Ro-

ttluff, na entrevista que nos concedeu em 1961), punham sob a orientação de Munch e de Van Gogh, este morto 15 anos antes, a estrela negra de sua destinação. Recorrência à angústia como meio do conhecimento, possibilidade de revelação e descoberta, par alguns até uma substituição da esperança, outra face do velho romantismo, não no sentido pejorativo senão do pensamento de Novalis: "O destino que nos oprime é a nossa negligência em modificá-lo".

O estado de espírito criado por uma volta participante do romantismo é pois um dos condicionamentos da arrancada expressionista.

"**O CAVALHEIRO AZUL**" - A história da arte moderna voltada para o **Expressionismo**, fecha-se contudo em oito anos, para passar a nova etapa, em 1911 - 13, sob a denominação de "O Cavaleiro Azul", e reinicia-se em 1924, com a "Nova Objetividade". Já então o termo começa a adquirir uma precisão, desde o livro de Hermann Bahr (1918). **Expressionismo**, o termo, começará incorretamente empregado pelo seu principal divulgador o jornalista Herwarth Walden, editor, da revista "Der Sturm" (A Tempestade).

Walden, cujo papel foi determinante com sua revista qualificava de **Expressionismo** todas as correntes artísticas surgidas de 1910 (quando começou a sair "Der Sturm") a 1920, e aí colocava inclusive "abstratos e cubistas. Mas na lista do "O Cavaleiro Azul" cabiam todas as tendências contemporâneas a de arte, e assim a posição de Walden não deixava de ser a única a criar confusão como até hoje se pode verificar.

Donde a necessidade que sempre sentimos, de tratar da pintura expressionista, recorrer a um esclarecimento didático, que nos parece de utilidade para evitar dúvidas. Convém sempre assinalar que, primeiro, na execução, plásticamente, a pintura se serve de anos fortemente marcados pela cor e pelo desenho, tentando mostrar o invisível, na fórmula goetheana, ou seja, desvendar o essencial, penetrar na intimidade da epiderme, conceitivamente o subjetivismo interpretativo empresta singular ênfase ao psíquico, tornando a pintura uma arte de análise em profundidade do objeto, descartando a face dos seres e das coisas para desvendá-lhes as almas, o sentimento dramático escondido sob a aparência da matéria.